

# Dona Crítica, seus Vícios e Limites

Por ABEL SALAZAR

Grandes virtudes possui Dona Crítica e, também, graves defeitos. São estes numerosos e não vamos aqui analisá-los todos; nem mesmo deles dar a lista, mas apenas e somente focar alguns dos desvios em que Dona Crítica é useira e veseira. Porque Dona Crítica tem, com frequência, manias singulares e pretensões paradoxais.

Uma destas manias é transformar-se em finalidade de si própria. Dona Crítica, então, considera-se existindo em si e por si, sem outra função que não seja a de criticar. Dona Crítica transforma assim a Crítica numa espécie de bomba trabalhando no vácuo, sobre um poço sem água. Dona Crítica critica então por criticar, por mania, degenerando em Comadre Crítica a juntar à Comadre Mã-Língua e à Comadre Bisbillhoteira, mais ou menos caturra, segundo os casos. Por vezes a caturrice toma aspectos infantis de perlice, de teimosia de menino que bate o pé, e que coisa alguma cede. Dona Crítica então degenera no grotesco.

Deixando, porém, de lado as variantes grotescas, este vício freqüente em Dona Crítica consiste, fundamentalmente, como dissemos, em julgar a Dona que sua vida se justifica por si própria: Dona Crítica vive então em si, por si e para si.

Em outros casos Dona Crítica embrenha-se pela filosofia. Cai então em paradoxos e deslises freqüentes, pelos quais é conduzida, sem o saber, a situações mais ou menos pitorescas.

Tal é o caso, por exemplo, que se poderia chamar «passagem da Crítica ao Limite».

No Limite, com efeito, a Crítica chega necessariamente à conclusão de que nenhuma Verdade é possível, e de que nenhum conhecimento é possível: que nada se pode saber, nem conhecer, nem afirmar. Coisa em extremo pitoresca, pois Dona Crítica se esquece então de nos dizer porque milagre conseguiu conhecer, saber e afirmar-nos tal Verdade...

Pois que, se isso for assim, apenas restaria à Dona Crítica o silêncio pírrônico ou budista, e então já jamais poderíamos saber o que pensa Dona Crítica. Porém, mesmo este silêncio seria paradoxal, pois em seu interior, muda, estaria no entanto, in mente, a conclusão paradoxal que a si própria se destrói...

A «passagem ao limite» sendo, fora das matemáticas, um vício habitual e clássico do

pensamento humano, em muitas outras circunstâncias, além da precedente, Dona Crítica se enterra, com tais passagens, em paradoxos. Tais paradoxos são freqüentes nas críticas do campo metafísico, em que a doutrina criticada é a Crítica, passando ao limite, se enterra ao mesmo tempo no lodo viscoso de imoláveis círculos viciosos. E' então curioso espectáculo ver Crítica e Metafísica, rolando sem cessar, como feras engalofadas, em seus círculos viciosos.

Outras vezes a Crítica utiliza-se, para Criticar, precisamente daqueles elementos, meios ou processos que a doutrina criticada não admite. O que imediatamente conduz as coisas a um *qui pro quo* insolúvel, e a confusões inextricáveis.

Dona Crítica, então, palra, palra, palra, talqualmente fazem Pêga e Papagaio, sem que de tanto palrar resulte qualquer coisa de útil e efectivo.

Dona Crítica não repara, com frequência, neste dilema. Ou as críticas tem por base um critério e um sentido definidos, mas medidas nurr estalão—e neste caso tal critério, tal sentido, tal estalão é tão criticável como o criticado—ou não o tem, e então tal crítica é sem fundamento.

Dêste dilema, como sair? Porque a Crítica, dir-se-á, se apoia num critério já definido e aceite; mas se o tema criticado tiver precisamente uma negação desse critério já definido e aceite? A situação, em tal caso, é insolúvel para a Crítica; pois esta só pode opor ao novo critério um novo critério:—e então, como saber qual deles é o legítimo?

Porque Dona Crítica tem de se apoiar na Lógica ou na Experiência, ou na Intuição; fora disto há só o campo da opinião, da crença, da revelação, isto é, o campo psicológico subjectivo.

Ora Dona Crítica não pode opor, por exemplo, a Lógica à Crença, e a Crença à Lógica; não pode criticar a Crença no campo da Lógica, nem a Lógica no campo da Crença. Tal sistema seria em absoluto vazio de sentido, pois entre os dois campos não há relação alguma contactável. Pelo contrário: *credo, quia absurdum*.

O mesmo sucede, em graus variados, quanto aos outros campos, sem cair em coisa sem sentido, confusões inextricáveis, polémicas sem conteúdo.

Daqui uma primeira conclusão em que habitualmente não repara Dona Crítica: seu cam-

po é limitado por condições limitantes. Para além destas condições limitantes começa o absurdo, o paradoxo crítico, o não-senso crítico, a Crítica Sem Senso.

Ora as condições limitantes da Crítica não reduzem à irreductibilidade de campos acima referida; outras ainda vêm complicar a situação. Assim a illegitimidade de passagem ao limite é igualmente uma condição limitante. Esta condição é das mais importantes; e, no entanto, precisamente uma daquelas que Dona Crítica menos atende.

Entre as condições limitantes impostas à Crítica pela natureza das coisas, ocupam assim o primeiro lugar a irreductibilidade dos campos e a illegitimidade da passagem ao limite. Sempre que a Crítica esquece ou força estas condições é fatalmente conduzida para o absurdo, e estabelece ou aumenta a confusão precisamente a respeito dos temas que ela pretende clarificar.

Este vício é habitual na Crítica filosófica, mas aparece igualmente na Crítica em geral. E' com frequência causa dos mais extraordinários mal-entendidos e confusões, de bêcos sem saída em que críticos e autores se acotovelam gesticulam sem se entenderem.

Tal é o caso das discussões sobre Verdade, Real, sobre o Belo, sobre a Arte em si, a Moral, o Direito, etc., etc.

Tal é, com frequência, o caso da Crítica na sua discussão de doutrinas, de teorias científicas, de princípios, etc.

Eis, por exemplo, que a Crítica procura discutir e resolver no campo da Lógica o que no campo da Lógica não pode nem deve ser discutido e resolvido, porque pertence ao campo da Emoção.

Eis o caso da Crítica que, no campo da lógica matemática, procura resolver problemas condicionados por factores caracterológicos e psico-somáticos; ou ainda o caso em que a mesma Crítica procura tratar racionalmente o que é puro fenómeno psicológico.

Eis o caso em que a Crítica, forçando as condições limites, exige um sentido ou definição primordial e absoluta, onde só pode haver um sentido ou definição relativa; um ponto de partida primordial em absoluto onde só pode haver uma convenção, etc.

Se agora combinarmos a confusão de campos com o forçar de condições limites, a baralhada aumenta e torna-se rapidamente inextricável.

A tudo isto junta-se uma série de factos de outra categoria.

Dona Crítica é habitualmente dirigida, inconscientemente, pelos Imperativos Categóricos do seu Temperamento, da sua Caracterologia, da sua Super-Estructura cultural e histórica.

Tais Imperativos Categóricos impõem à Crítica directrizes em conformidade com essas condições. São as condições biológicas e históricas. Estas condições dão à Crítica o colorido caracterológico e histórico, e conduzem rapidamente, e por uma forma automática, a uma sofística mais ou menos acentuada.

Assim a Dona Crítica cicloide ou esquizoide fará necessariamente Crítica cicloide ou esquizoide; como a Dona Crítica de Super-Estructura idealista ou racionalista fará necessariamente crítica de tendência idealista ou racionalista.

E tudo isto, facto curioso, é, em geral, tanto mais acentuado quanto mais Dona Crítica faz alarde de imparcialidade; porque estes alardes não são mais, habitualmente, do que uma descarga de consciência prefuldiando a plena expansão de suas tendências biológicas ou históricas.

Desta forma Dona Crítica se transforma, na maior parte dos casos, em Dona Acrítica: em realidade, uma Dama Dogmática, cujo dogmatismo está «camouflé».

A Crítica fecunda e verdadeira é rara, raríssima, mesmo: a crítica da Simultaneidade, pedra angular da Relatividade, é um exemplo de criticismo modelar e fecundo. Einstein é, de resto, um protótipo do auto-criticismo constante que exige o espírito científico.

A Crítica sofística, pelo contrário, é o pão-nosso de cada dia. Quasi todo o criticismo é dominado pelo Imperativo Categórico individual e, desta forma, tal criticismo se reduz a uma crítica utilizada para imposição de uma preferência pessoal.

Em certos casos, mesmo, a Crítica transforma-se em Criticomania, que é a forma burlesca da Crítica. O Critico diz-se então «essencialmente crítico», «crítico dos pés até à cabeça», e outras coisas igualmente ridiculas. Tal Crítica é então uma espécie de mosca que zumba e poisa, teimosa, deixando sobre as coisas brancas uma crítica negra, e sobre as coisas negras uma crítica branca.

(Continua na página imediata)